



PRAÇA DA METROPOLITANA

A igreja de Nossa Senhora Aparecida é uma construção de madeira inaugurada no final da década de 50 e está interditada, à espera de restauração: orçamento para realização da obra é de R\$ 400 mil



HISTÓRIA INTERDITADA

O Museu de Planaltina está fechado por conta do mau estado: goteiras, cupins e mofo, segundo o vigilante Severino Martins

SINO NO CHÃO

A Igreja de São José Operário, na Candangolândia, virou espaço de depósito: não há previsão de verba para a restauração



Vandalismo é ameaça

Embora nove dos 20 bens tombados como patrimônio do Distrito Federal precisem de restauração ou de proteção contra as agressões urbanísticas, os demais não escapam de vandalismo ou de outras ameaças. Os pombos que revoam na Praça dos Três Poderes, por exemplo, são um problema sério. As fezes das aves são corrosivas e podem comprometer o mármore do Museu da Cidade, que conta a história da mudança da capital para o Planalto Central. A falta de consciência do brasileiro também afeta a preservação dos bens. Em 2003, dois religiosos decidiram benzer o monumento e jogaram gotas de óleo de cozinha sobre a escultura da cabeça de Juscelino, esculpida em pedra-sabão.

"A restauração custou dois anos de trabalho a duas especialistas que vieram da Universidade Federal de Minas Gerais", conta Jarbas Silva Marques, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF. A igreja de Nossa Senhora de Fátima, na 307/308 Sul, o relógio na praça central de Taguatinga e a palmeira da Praça do Buriti são outros bens tombados que passaram por agressões. O interior da igreja tinha paredes pintadas por Alfredo Volpi, como revelam fotografias do velório de Bernardo Sayão, em 19 de janeiro de 1959. Como uma camada de tinta cobriu a obra do artista plástico italiano, a restauração tornou-se impossível.

O relógio de Taguatinga sofre com as pichações de vândalos e precisa constantemente de manutenção. O buriti, em frente ao palácio do governador Joaquim Roriz, sobreviveu aos golpes de machado de um agressor em 1992. Ainda hoje o tronco encontra-se revestido por bandagem e sustentado por cabos de aço. A palmeira retirada de uma vereda na estrada de Brasília a Anápolis foi transplantada para o local em 31 de setembro de 1969. Nessa época, nem a praça estava pronta.

Comissão

Para criar uma conscientização da importância de se preservar os monumentos de Brasília, uma comissão que inclui representantes de órgãos públicos, iniciativa privada e Universidade de Brasília (UnB) busca soluções para que os bens tombados ganhem manutenção constante. Essa iniciativa passa por uma política de prevenção e de educação patrimonial. "Os franceses não esperam um bem ruir ou apresentar problemas. A manutenção é constante. E os alunos de uma escola de tábua precisam saber o valor histórico da escola em que estudam", explica o diretor do Depha. (R.A.)

Marcelo Ferreira/CB/18.5.05



A SALVO DA DEMOLIÇÃO

Moradores do antigo acampamento do Paranoá impediram a derrubada da Igreja de São Geraldo: reforma é urgente

MONUMENTOS COM PROBLEMAS

CATEDRAL DE BRASÍLIA

Vitrais com buracos precisam ser trocados e as esquadrias de ferro, adaptadas para enfrentar as variações de temperatura.

MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PLANALTINA

Precisa de restauração. Cupins nos forros, assoalho com tábuas podres, infiltrações e goteiras, parede quebrada pela batida de um carro.

MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA

Embora o hospital HJKO e as casas da alameda principal estejam restauradas e em bom estado de conservação, as casas de madeira que serviam de alojamento para os funcionários solteiros precisam de reforma.

PLANO PILOTO

Agressões urbanísticas ameaçam o desenho de Lucio Costa, como os puxadinhos, construções entre os pilotis e as coberturas nos prédios residenciais.

VILA PLANALTO

As casas de madeira foram demolidas e construções de até três pavimentos ameaçam o plano urbanístico da vila, que deveria ter apenas 550 casas térreas.

IGREJA DE SÃO GERALDO

A construção de madeira, no Paranoá, precisa ser refeita. Há madeiras faltando nas laterais e o telhado está com vários buracos.

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL METROPOLITANA

Cupins destroem as paredes de madeira da escola, que também precisa de manutenção no forro.

IGREJA DE NOSSA SENHORA APARECIDA, NA METROPOLITANA

Está interditada por conta da precariedade. Precisa passar por restauração completa.

IGREJA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO

A capela, na Candangolândia, virou depósito. Precisa ser reconstruída. Faltam portas e campanário.

ROVÊNIA AMORIM
DA EQUIPE DO CORREIO

O abandono, o descaso e uma política que não tem pressa ameaçam a história de Brasília contada por monumentos transformados em patrimônio do Distrito Federal. Dos 20 bens tombados pelo valor histórico e cultural, quase a metade passa por problemas e espera por verba para serem restaurados. Além da Catedral de Brasília, que exibe vitrais da artista plástica Mariana Peretti estragados por 693 buracos, outras três igrejas que constam no Livro de Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico do DF apresentam problemas. Nenhuma delas recebe visitantes ou fiéis para missas. As tábuas de madeiras estão corroídas ou foram arrancadas. O telhado não é mais o original, e as telhas de amianto têm buracos e falhas. Faltam portas, janelas e respeito.

O antigo casarão do século passado, em estilo colonial, transformado no Museu Histórico e Artístico de Planaltina também enfrenta problemas e está fechado há dois anos. A dona-de-casa Maria Ferreira da Silva, 60 anos, mora numa casa ao lado. Os gêmeos Gabriela e Gabriel, seus netos de sete anos, passeiam de bicicleta na porta, sem poder conhecer a história da cidade centenária e da própria capital. "Era tão visitado! Tinha menino de escola e turista o tempo todo", lembra. O casarão comprado pelo Governo do Distrito Federal (GDF) em 1973 guarda documentos históricos e fotos da visita do presidente Juscelino Kubitschek à cidade.

Há goteiras, cupins no forro do teto e tábuas do assoalho precisam ser trocadas. O mobiliário e acervo estão embalados, para não estragar. O vigilante Severino Martins da Silva, 61 anos, passa o dia todo na pracinha em frente. "Lá dentro o cheiro de mofo é muito forte", conta. Neta de Francisco Mundim Guimarães, antigo proprietário do casarão colonial, Cíntia Guimarães, 32 anos, também lamenta a interdição do museu. "É o cartão-postal da cidade, a história de Planaltina. É uma pena que esteja caindo. A reforma é urgente", comenta. A reforma custará R\$ 236 mil e as obras esperam liberação de verba do governo local.

Das três igrejinhas históricas, a situação mais penosa é a de São Geraldo, que fica no Parque Vivencial do Paranoá. A construção simples, de madeira acinzentada, inaugurada em junho de 1966, escapou da demolição por ação de moradores do antigo acampamento de operários que trabalharam na construção da barragem do Paranoá. Hoje, quem visita o parque nem percebe seu valor histórico. No altar, vestígios de fogueira, séria ameaça de incêndio à construção de madeira.

Na Candangolândia, a Igreja de São José Operário virou depósito. O sino fica junto a um amontoado de madeiras. A

placa que serviu de batistério está cheia de areia e tampada. Sobre ela, um pinheirinho de plástico, desses que, se enfeitado, vira árvore de Natal. "A comunidade nem acredita mais na restauração, que sempre é adiada. A última vez que falaram em reformá-la, há sete anos, perguntei se seria no Dia de São Nunca", lamenta o padre Avelardo Gois, que mora numa casa no fundo do lote onde fica a igreja.

Mobilização

Não há previsão de verba para tirar a igreja da situação de abandono. "A população e os administradores das cidades que têm bens tombados precisam aprender a ir atrás de verbas, do Legislativo local e federal", ensina Jarbas Silva Marques, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF (Depha). Não se sabe nem quanto a reforma vai custar. Para a Igreja de São Geraldo, no Paranoá, o projeto de reconstrução prevê gasto de R\$ 400 mil, mas depende de liberação do gabinete do governador Joaquim Roriz.

A igreja de Nossa Senhora Aparecida, de madeira pintada de azul claro, no bairro Metropolitana do Núcleo Bandeirante, também aguarda verba para a restauração. O orçamento é de R\$ 400 mil e foi incluído nas emendas da bancada do DF na Câmara dos Deputados para 2005 e enviado ao Ministério da Cultura. Enquanto isso, o monumento fica fechado. "Está interditada porque quando as pessoas batiam palmas, ela balançava. Não podiam entrar mais de 15 pessoas e nem cantar alto", conta Jeuda Pereira de Sousa, 23 anos, moradora do Núcleo Bandeirante, sentada num dos bancos da pracinha simpática, com palmeiras e paineiras de tronco espinhoso e flores rosas.

Entre as igrejas de Brasília, a restauração mais cara será a dos vitrais da Catedral. E não há previsão este ano de verba para o conserto, orçado em R\$ 3,3 milhões. "O orçamento da Cúria Metropolitana é de R\$ 150 mil por mês e só dá para pagar as despesas de manutenção das casas dos bispos, de funcionários e a impressão dos 60 mil exemplares dos folhetos litúrgicos", explica o arcebispo Dom João Braz de Avis.

A Vila Planalto também passa por problemas. As novas construções, com dois ou três pavimentos, desfiguraram a cidade conhecida pelas casas simples. "A Vila Planalto foi abandonada pelos vários administradores até chegar a um ponto que não apresenta mais o que era. Não merece ser um bem tombado", critica o pioneiro Ernesto Silva, 90 anos, primeiro diretor administrativo da Novacap. "É a maior agressão que temos a um bem tombado no DF. Deveria demolir as construções irregulares", sugere o diretor do Depha, Jarbas Marques.